

SANTO TIRSO ARQUEOLÓGICO

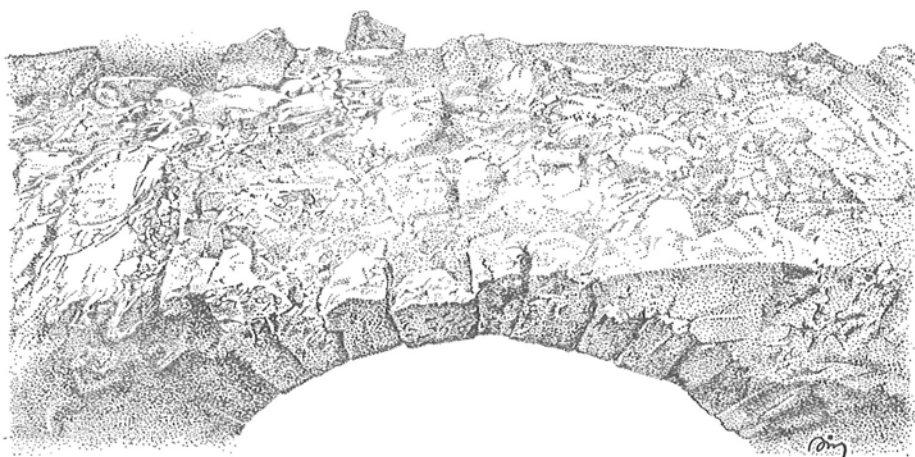
1



SANTO TIRSO ARQUEOLÓGICO 1

O PONTÃO DO ARQUINHO

por
Álvaro Moreira



EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

SANTO TIRSO

MARÇO de 1991

FICHA TÉCNICA

Direcção: ÁLVARO DE BRITO MOREIRA

Coordenação Gráfica: MIGUEL DE SOUSA DIAS

Desenhos e Fotografias: JESUS MARTINHO E MIGUEL SOUSA DIAS

Edição: CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

Composição, Impressão e Acabamento: TIPOGRAFIA NOVA - SANTO TIRSO

TIRAGEM 500 EXEMPLARES

SOLICITA-SE PERMUTA. ON PRIE L'ECHANGE. ECHANGE WANTED

SANTO TIRSO ARQUEOLÓGICO

MUSEU MUNICIPAL ABADE PEDROSA

AV. UNISCO GODINIZ

P-4780 SANTO TIRSO

PORTUGAL

TELEF. (052) 856091 (EXT. 163)

DEPÓSITO LEGAL N.º 43497/91

SANTO TIRSO ARQUEOLÓGICO - N.º 1 - MARÇO DE 1991

O início da publicação de uma revista reveste-se sempre de, por um lado, a expectativa da sua aceitação junto dos potenciais leitores, como, por outro lado, da satisfação de colocar à disposição das pessoas um meio de reflexão, de análise e, eventualmente, de crítica.

Esta revista que agora nasce é, também, a afirmação de que alguma coisa vai mudando na *nostra* mentalidade.

A necessidade de conhecer, de saber e também a necessidade de dar a conhecer implica, na sua forma mais tradicional, a publicação de textos, quer tenham como receptores os especialistas, quer, antes pelo contrário, seja o grande público, sem formação específica, a receber o conteúdo da publicação.

Nós, Câmara Municipal e eu individualmente, como vem sendo hábito, daremos todo o apoio para que a Revista de Arqueologia seja uma publicação regular, aceite cientificamente nos meios mais exigentes e divulgadora dos aspectos mais marcantes do nosso Concelho.

Espero e desejo que a Revista de Arqueologia seja o que idealizaram os que lhe deram corpo, como os que irão ser os seus leitores.

O VEREADOR ASSESSOR DO PELOURO DA CULTURA

Dr. Sérgio Moinhos

EDITORIAL

Após trinta anos de marasmo cultural, em 1983 Santo Tirso assistiu ao incremento de um conjunto de iniciativas que despertaram nos Tirsenses o crescente interesse em diversas áreas da Cultura.

Deste conjunto de iniciativas a Câmara Municipal de Santo Tirso quis também contemplar o Património Arqueológico local, desencadeando acções que contribuíram decisivamente para a protecção, estudo e divulgação. A recuperação das Ruínas de Monte Padrão, o levantamento Arqueológico do Município e a inauguração do Museu Municipal Abade Pedrosa, constituem os principais factores para a irreversibilidade na investigação Arqueológica desta "Terra de S. Rosendo".

A recente criação do Gabinete Municipal de Arqueologia, acontece numa altura em que se faz sentir a grande necessidade de uma maior autonomia e sistematização das actividades, visando a execução de um projecto global no âmbito do importante Património Arqueológico deste Município.

Sabemos que existe um árduo caminho a percorrer e adivinhamos alguns obstáculos. Mesmo assim aceitamos o desafio com humildade, honestidade e com o dinamismo de uma equipa jovem que quer converter a Arqueologia Tirsense em tradição.

Com o presente número, inicia-se a publicação da revista "Santo Tirso Arqueológico", que em nosso entender virá colmatar uma lacuna importante no domínio da Cultura Tirsense, particularmente na área da investigação Arqueológica.

A revista tem como objectivo principal a divulgação nos meios científicos, do trabalho de investigação do Gabinete Municipal de Arqueologia. Ela incluirá também elementos do levantamento Arqueológico que tencionamos publicar oportunamente na sua globalidade.

Não pretendemos que esta publicação tenha periodicidade definida, o seu lançamento traduzirá, de certa forma, o ritmo da actividade do Gabinete.

É nosso propósito iniciar este percurso sobre a égide da ilustre pessoa que dá o nome ao Museu Municipal, Padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, prestando assim homenagem aos que partilharam do intenso labor intelectual daquele que foi o pioneiro da investigação Arqueológica no Concelho de Santo Tirso.

O PONTÃO DO ARQUINHO

por
Álvaro Moreira*

Este trabalho foi efectuado em Setembro de 1988 por elementos do Museu Municipal Abade Pedrosa. (1)

O Pontão do Arquinho (2) é um dos muitos existentes no concelho com bastante interesse para a compreensão da evolução da rede viária, assim como para o conhecimento da estratégia de povoamento da região.

Lamentavelmente não são conhecidas referências bibliográficas alusivas a esta construção.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E ACESSO

Administrativamente o pontão localiza-se no lugar de Costa, freguesia de Água Longa, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto. As suas coordenadas Gauss são respectivamente X-169,4 Y-47,2 (carta militar de Portugal, esc. 1:25.000, folha n.º 111, levantamento de 1975) (est. I).

O acesso ao pontão pode ser feito a partir da povoação de Água Longa, em direcção ao lugar de Costa. O pontão situa-se, a seis metros a montante da ponte que actualmente se utiliza para transpor a ribeira do Pizão.

CONTEXTO GEOGRÁFICO

Localiza-se na bacia hidrográfica do rio Leça, concretamente na ribeira do Pizão, sensivelmente a 4 Km da sua nascente que se situa no monte com o mesmo nome. A ribeira desenvolve-se num pequeno vale ladeado pelos últimos contrafortes da crista de Lantemil e tem um caudal significativo durante todo o ano.

A área geológica corresponde a formações litológicas do silúrico superior. Depósitos onde abundam xistos amplitosos, (...) "são xistos argilosos de cores variadas, fortemente dobrados e muito fracturados, que em determinados locais assumem uma posição quase vertical" (...). (ANDRADE, 1952 pp303 - 310)

* - Técnico superior da Câmara Municipal de Santo Tirso, responsável pelo Gabinete de Arqueologia.

1 - Além do signatário são responsáveis por este trabalho, Jesus Martinho (trabalho de campo, planta e alçados) e Miguel Sousa Dias (desenho e arranjo gráfico). O trabalho teve o patrocínio da Câmara Municipal de Santo Tirso e contou com a participação de quatro O.T.J.

2 - Pontes cujo vão é inferior a dez metros, são correntemente designados por "pontões" ou "pontilhões".

DESCRIÇÃO E INTERVENÇÃO

O Pontão encontrava-se em elevado estado de degradação e completamente assoreado observando-se apenas um terço da sua parte superior, zona correspondente ao tabuleiro (os arranques e a abóbada escondidos pelo assoreamento apresentavam um volume menor que o real).

O lageado do tabuleiro estava também muito danificado, tendo desaparecido a maior parte das suas lages originais. No extremo do tabuleiro na margem direita, foi construída uma canalização (planta; Est. IV) com o propósito de desviar a água para se efectuar a construção de uma nova ponte (1958), um pouco a jusante da ponte em estudo, (6 m) o que provocou danos significativos na parte terminal do tabuleiro.

Após uma acção de limpeza da área envolvente e feito o desassoreamento a montante e a jusante do pontão, procedeu-se ao levantamento planimétrico e ao desenho dos alçados (Est. II e III). A impossibilidade técnica de drenagem completa inviabilizou a obtenção de alçados completos assim como a realização de uma pequena sondagem que permitisse recolher elementos relativos ao assentamento do pontão.

O pontão é constituído apenas por um arco, de volta perfeita de directriz circular, com aduelas em granito com intradorso recto e extra-dorso ligeiramente convexo. As aduelas estão colocadas alternadamente de testa e de peito e têm a dimensão média de 0,30 x 0,45. A área visível é constituída por 14 aduelas, mais a aduela chave, constituindo um arco com o diâmetro máximo de 3,20 m.

Como atrás referimos, a impossibilidade técnica de completa drenagem inviabilizou o normal procedimento dos trabalhos, o que não permitiu a verificação da existência das cavidades que teriam servido para apoio da (base de sustentação) cofragem ou cimbria para a construção do arco. (3) (MACAULAY, 1978 pp36) (SANTOS 1981 pp20)

Pelo prolongamento do arco, tendo em conta a dimensão média das aduelas somos levados a crer, que, estas caso existam, situar-se-ão sensivelmente a 0,80 m abaixo do nível da água e o arco completo, formando uma abóbada de berço teria então 18 aduelas mais a aduela chave. (Est. V)

3 - (...) "A montagem dos elementos dos arcos, as aduelas, era feita a partir de estruturas provisórias de madeira, cujos elementos se apoiavam em orifícios existentes na própria silharia. Uma vez concluída a ponte eram abandonados na sua expressão original ficando portanto as cavidades à vista. (...) (SANTOS 1981 pp20)

- Alguns autores atribuem a estas cavidades a denominação de "forfex", quanto a nós erradamente (ver nota 5)

O trabalho de cantaria dos elementos que compõem o arco é mais ou menos homogêneo, mas de pouca qualidade, não revelando a técnica do almofadado (4) em rústico, nem de fossetes que revelem a utilização da "forfex". (5) (AFONSO 1981 pp 141-148)

O tabuleiro é horizontal e tem o comprimento máximo de 8,50 m e a sua largura máxima é de 2,40 m, flecha 1,80 m. Do lageado original, contemporâneo do arco, apenas restam quatro lages, localizadas no centro do arco, definindo o fecho do mesmo. (Est. IV)

O material de enchimento é constituído por pequenas pedras de xisto.

No que respeita aos arranques do pontão, no paramento da construção verifica-se uma grande irregularidade na dimensão dos silhares que constituem o aparelho. Grandes silhares em xisto alternam com blocos de pequenas dimensões. Na parte final do tabuleiro na sua margem direita, já no caminho de acesso, a calçada é marginada por grandes silhares em xisto, que acompanham a pequena curvatura esboçada pela calçada. (Fot. I e II, Est. IX)

No segundo silhar da quinta fiada da margem esquerda, encontrava-se uma sigla em forma de "S" deitado. (Est. VI) (6)

O "atelier" a que pertence esta sigla, está documentado no Mosteiro de Roriz, na 4.^a fase da sua construção, mais precisamente (...) "Na construção da capela no lado norte" (...) (REAL 1982, pp20). Em linha recta o Mosteiro de Roriz dista do Pontão em estudo sensivelmente 13,5 Km.

4 - Almofadado-Seguro indício de construção romana, técnica de aparelho em que as faces vistas dos silhares eram grosseiramente afeiçoados, elaborando-se cuidadosamente uma coroa quadrangular, estreita, que percorria a periferia do silhar, destacando-se assim uma "almofadada" rústica e grosseira, contrastando com a união dos silhares mais liso e regular. (SANTOS 1981 pp20)

5 - Forfex - Do latim *forfex* (nom "tesoura")

Instrumento utilizado pela engenharia romana para içar os silhares, os vestígios que denunciam a sua utilização denominam-se por vinco ou fossetes. (orifícios de forma rectangular, localizados no centro dos silhares, que geralmente têm forma paralelepédica). Alguns autores atribuem a denominação de "fortex" (ALMEIDA 1968, pp24) (MOURINHO 1978, Est. IV)

Embora a existência de "forfex" seja uma característica identificativa de construção romana, a sua ausência não significa obrigatoriamente o contrário.

(...) "Os orifícios da "forfex" embora identifiquem a autoria romana, não indicam pela sua ausência que certas pontes devam deixar de assim serem consideradas, como é vulgar; quando as pedras tinham de ser levantadas a pequena altura, como nos pontões, ou pilares de encosta declivosa, em que eles eram arreados e não içados e em outros casos mais, este processo nem sempre foi utilizado. (...) (BARRADAS 1956, pp173)

6 - O facto de apenas existir uma sigla nesta construção, pode residir no facto de apenas ter sido um "atelier" a efectuar a construção da obra, o que nos parece possível atendendo às suas diminutas dimensões, ou como sugere Possidónio da Silva, (...) "os silhares medievais podiam ser colocados na construção em qualquer posição por vezes o sinal de laboração ficava nalgumas das faces ocultas. (...) "

Parece-nos perfeitamente admissível a hipótese de ter sido o mesmo "atelier" a trabalhar nos dois sítios.

Em primeira análise constata-se o emprego de dois tipos distintos de matéria prima no aparelho da construção:

1.^o - O granito, utilizado exclusivamente na construção do arco.

2.^o - O xisto, utilizado em grande quantidade como material de enchimento e em forma de silhares na calçada e nos arranques do Pontão, donde se depreende que houve uma maior preocupação na escolha dos materiais para a construção do arco (local da construção que necessita de maior resistência à compressão e que implicaria maiores dificuldades em caso de uma eventual reconstrução). Daí a opção do granito, material com características plásticas de solidez e durabilidade superiores ao xisto.

A REDE VIÁRIA

Segundo o proposto por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, o concelho de Santo Tirso, Para além da via romana de ligação Cale - Bracara, seria ainda atravessado por uma via secundária de ligação para nordeste. A via a partir de S. João da Ponte, seguia em direcção à estrada Cale - Bracara, ou em direcção à costa marítima. Este troço da via é exigido pela existência da ponte de S. Martinho do Campo, inequivocamente romana. A partir da dita ponte, a via romana iria passar não longe da Citânia de Sanfins e viria a Alfena e a Valongo. (ALMEIDA 1968)

Em relação à rede viária medieval, também proposta por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, particularmente a estrada Porto - Guimarães, o traçado seria sensivelmente o mesmo da via romana, no entanto encontra-se muito bem documentada. (ao contrário da via romana, o que facilmente se compreende, uma vez que se trata de uma via secundária) (7)

A estrada viria de Ermesinde passaria por Alfena, onde existia uma gafaria junto à ponte medieval que transpunha o rio Leça (para a sua margem direita). Era ainda aí perto (1,5 Km) em Ferraria, onde se fazia a mais antiga feira documentada desta zona. (...) "A estrada seguia depois para Água Longa. A inquirição da segunda alçada põe-na como limite desta freguesia - *"INTERROGATUS DE TERMINUS IPSIUS HEREDITATES DIXIT QUOD INCIPIUNT IN STRATA VIMARANIS"* (...) (ALMEIDA 1968, pp172) (8)

7 - É usual classificar-se a rede viária romana só em dois grupos: vias principais e vias secundárias, ou como as classifica R. Colmenero. Rede oficial e não oficial, a diferença estará na existência ou não de marcos miliários. Seriam vias secundárias todas aquelas que não eram orladas de marcos miliários. (BROCHADO 1979)

8 - Interrogado sobre os limites da herdade, afirmou que começavam na estrada de Guimarães.

Guimarei (S. Paio) é a povoação que se segue onde está documentada como "Carrera Antiqua" no ano de 1048, seguia por Carreira (S. Tiago), e o troço mais antigo avançava por Monte Córdova, Roriz, indo passar o rio Vizela na ponte romana de S. Martinho do Campo.

Parece portanto não haver dúvidas quanto ao traçado das vias, romana e medieval, de ligação Porto - Guimarães no concelho de Santo Tirso. Embora se não conheça com precisão, com testemunhos "in situ", qualquer troço da via, tendo em conta a documentação existente, os vestígios arqueológicos, a toponomia, e os dois pontos onde inequivocamente passavam as vias (Alfena - S. Martinho (ponte romana)), parece-nos possível ressaltando uma margem de erro adiantar um trajecto esquemático, possível para estas duas vias. (Est. VII e VIII)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relativamente à classificação tipológica e cronológica do Pontão, a possibilidade de o considerar como de origem romana, parece-nos destituída de fundamento, uma vez que o único elemento existente que nos permitiria formular tal hipótese consiste, apenas, na utilização do arco de volta perfeita e como sabemos, este só por si não é justificativo nem sinónimo de "romanidade". De facto todos os outros elementos caracteristicamente romanos, como sejam, o almofadado em rústico, as fossetes ou vinco para utilização do "forfex", a existência de guardas e passeios não se verificam no Pontão, inclusivamente as suas dimensões não correspondem aos requisitos da construção pontística romana. (9)

Por outro lado as características técnicas da construção medieval são notórias, a silharia é lisa e destituída de almofadas rústicas, as aduelas são estreitas, altas e desiguais entre si, o Pontão não tem, nem revela ter tido, guardas e passeios (aliás as suas dimensões não o permitiriam) e por último a existência de uma sigla parece-nos determinante para a sua classificação.

De facto estamos em crer tratar-se de um pontão medieval, de carácter local ou regional mas indiscutivelmente de tradição romana.

Sabemos que a população na Idade Média, de entre Douro e Minho está dispersa pelos vales e margens dos rios, onde agricultura as suas terras e pastoreia os animais, e uma das suas principais missões era o arranjo dos caminhos e a construção de pontes. (...) "cedo esta população se organiza, os bens comuns que estes pequenos núcleos possuem, implicam a necessidade de serviços comunitários, que fazem de cada um deles um concelho rural coincidindo muitas vezes com a paróquia. Uma das principais missões destes concelhos rurais era o arranjo

9 - A largura das pontes romanas dependia da sua altura, comprimento e da importância da estrada que servia. Entre nós não teriam menos de três metros e oitenta centímetros. (ALMEIDA 1968, pp123)

dos caminhos e a construção de pontes" (...) (ALMEIDA 1968, pp126)

Sabe-se que as técnicas têm muita permanência, e podem ressurgir tardiamente, as características construtivas das pontes romanas mantiveram-se durante toda a Idade Média, e até se verificaram em construções efectuadas após o séc. XV. O carácter local ou regional da construção, é evidenciado não só pelas suas diminutas dimensões, mas principalmente pela conjugação de dois tipos de materiais - o granito que não existe na região, apenas utilizado na parte mais importante da construção - e o xisto, material que existe em abundância e é amplamente utilizado no pontão e na calçada.

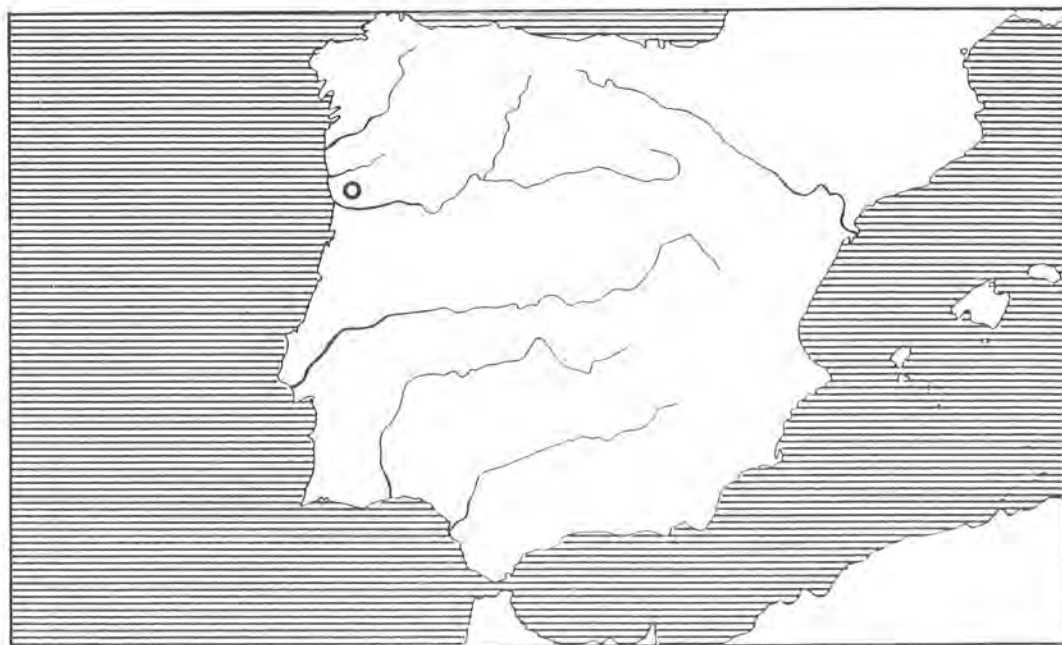
No estado actual dos conhecimentos, a datação que é possível adiantar, é meados do séc. XIII, que nos é fornecida pela sigla que identifica o "atelier" que aí trabalhou como sendo o mesmo que trabalhou na capela da igreja românica de Roriz, com datação documentalmentemente fundamentada de 1258. (REAL 1982, pp20) (Est. VI).

Relativamente à interpretação do carácter local ou regional do Pontão, é uma hipótese que fica em aberto, até que uma futura intervenção forneça dados mais concludentes sobre este assunto, não sendo no entanto de excluir totalmente a hipótese da sua inclusão no traçado da via medieval Porto - Guimarães, principalmente atendendo à sua localização.

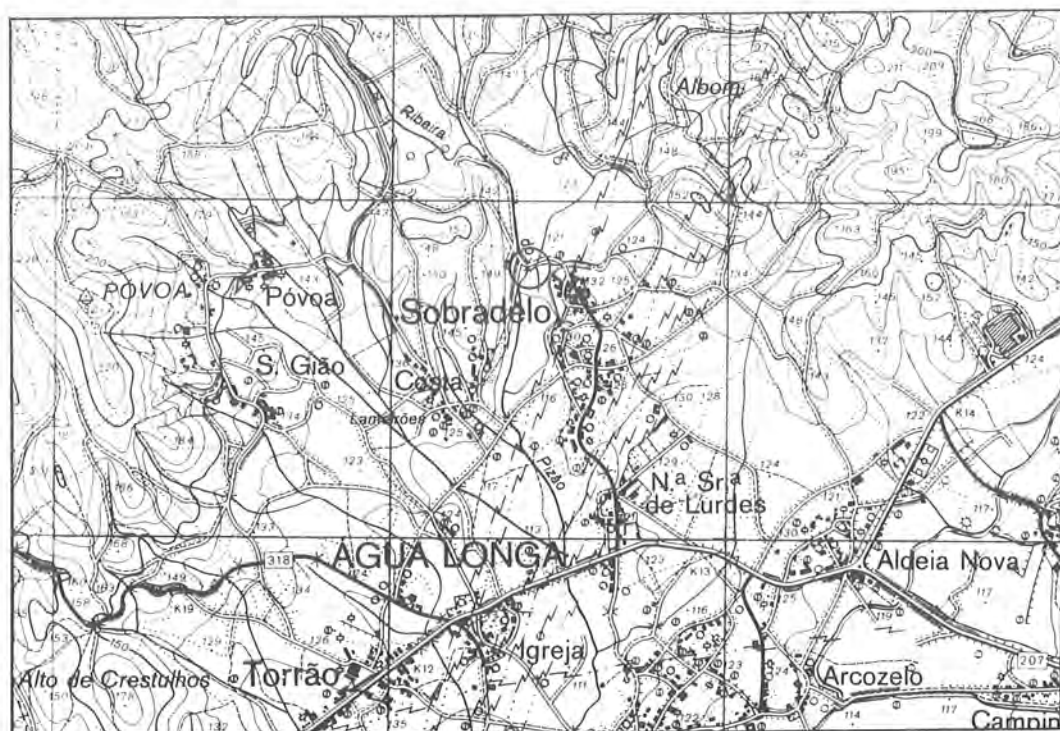
Este pequeno estudo monográfico enquadra-se num projecto mais amplo de estudo das pontes antigas do concelho de Santo Tirso, no sentido de se compreender a evolução da rede viária e estratégica de ocupação do território, desde a antiguidade à época moderna.

BIBLIOGRAFIA

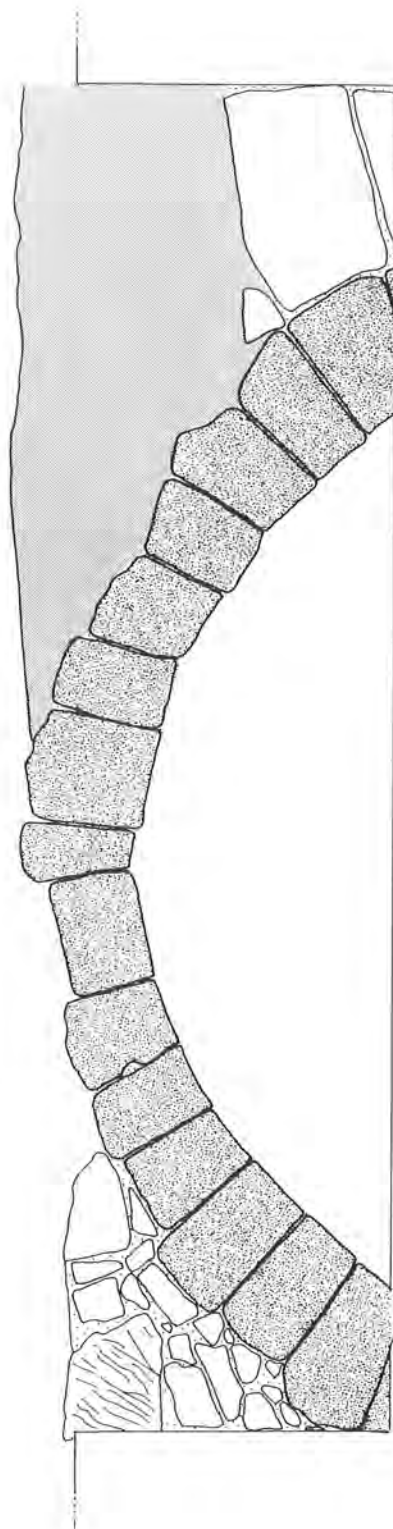
- AFONSO Manuel Pires (1981) A arte de trabalhar a pedra, Minia, Braga, 2.^a série, 4 (5), pp 141-148.
- ALMEIDA Carlos Alberto Brochado (1979) A rede viária do convento Bracara-Augustanus; via Bracara Asturicam Quarta, Minia, Braga, 2.^a série, 2 (3), pp 61-163.
- ALMEIDA Carlos Alberto Ferreira (1968) Vias medievais entre Douro e Minho, dissertação de licenciatura, Faculdade de Letras do Porto (policopiado).
- ANDRADE Monteiro (1952) Carta geológica da região de Santo Tirso, Boletim Cultural, vol. I, n.º 3, Câmara Municipal de Santo Tirso pp 303-315.
- BARRADAS Lerenio A. (1956) Vias romanas da região de Chaves e Bragança, R. G., vol. LXVI pp.
- GESTO José Caamaño (1978) Aportaciones al estudio de las vias romanas: Técnicas de construccion y cracteristicas generales de su trazado, Minia, Braga, 2.^a série, 1 (2) pp 80-90.
- MACAULAY David (1978) A cidade: planificação e construção de uma cidade romana. Tradução Cardigos dos Reis, Publicações Don Quixote, Lisboa.
- MOURINHO António Maria (1978) Ponte romana no rio Tuela e síntese das vias e pontes romanas no Nordeste Transmontano, Duas Igrejas, Miranda do Douro.
- PEREIRA F. Alves (1928) Pontes medievais nos Arcos de Valdevez, Portucale, vol. I, Estudos do Alto Minho - XXVII
- REAL Manuel Luís Real e Pedro Sá (1928) O Mosteiro de Roriz na arte românica do Douro Litoral, Santo Tirso, separata de actas do colóquio de História local e regional, Santo Tirso, 1979.
- SANTOS Joaquim Ribeiro (1983) Das pontes antigas no concelho de Vila Nova de Famalicão, Boletim Cultural de V. N. Famalicão, Setembro de 1983.



1 - LOCALIZAÇÃO DO CONCELHO DE SANTO TIRSO NA PENÍNSULA IBÉRICA



EST. I - 2 - Excerto da carta militar 1/25 000 n.º 111, com a localização do Pontão do Arquinho.

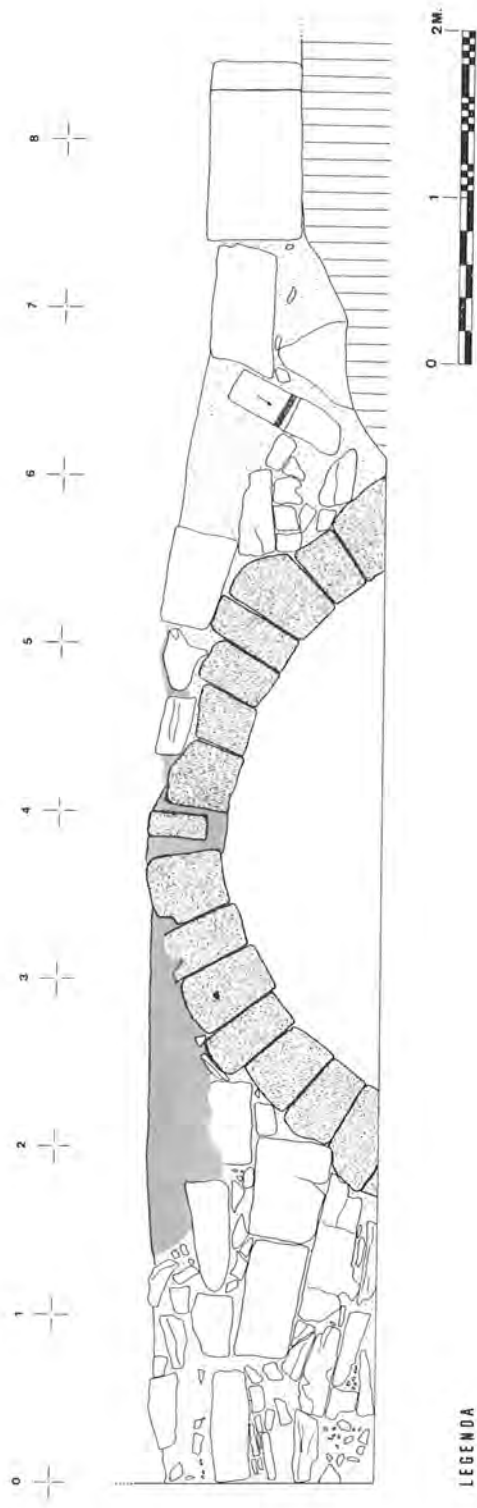


LEGENDA

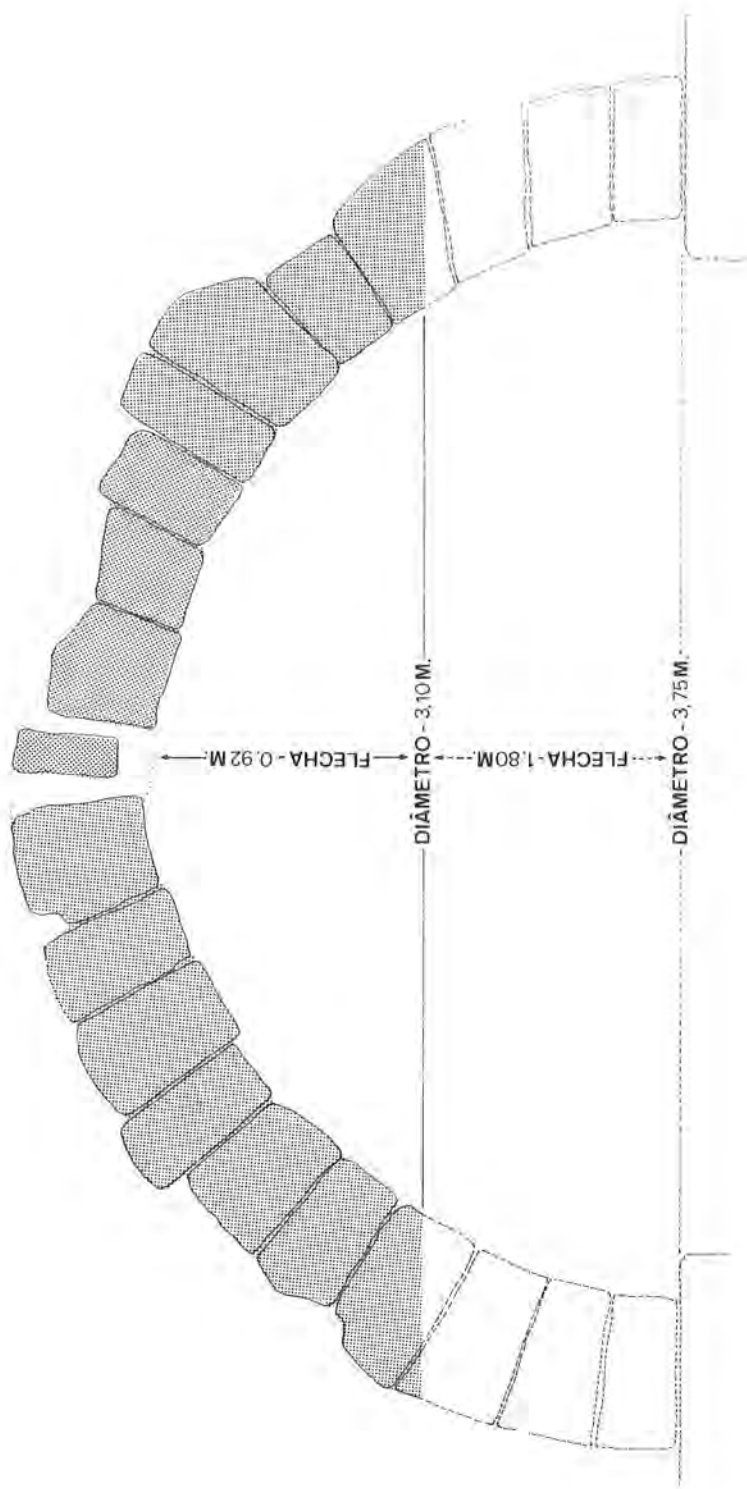
- TERRA DE ENCHIMENTO
- CIMENTO ACTUAL



EST. II - Alçado para Juzante, Pontão do Arquinho.



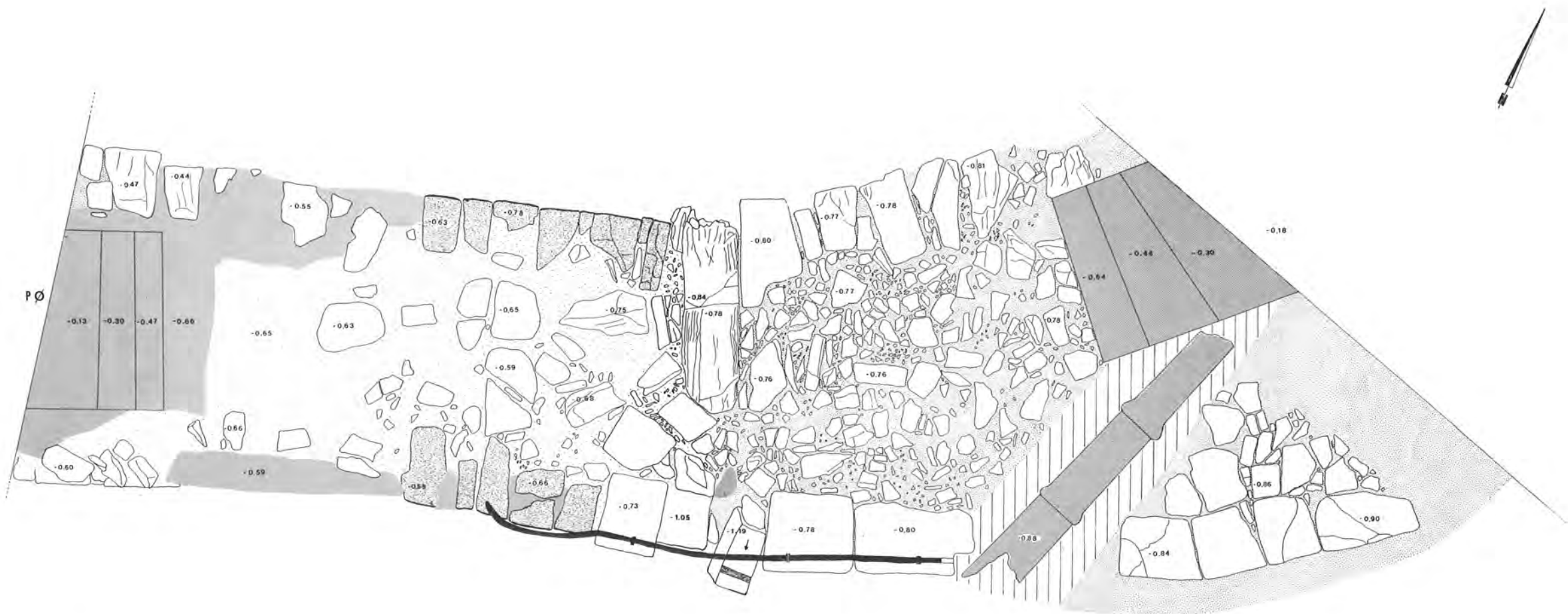
EST. III - Alçado para montante, Pontão do Arquinho.



 TROÇO VISÍVEL
 RECONSTITUIÇÃO



EST. IV - Reconstituição hipotética do arco do Pontão do Arquinho.

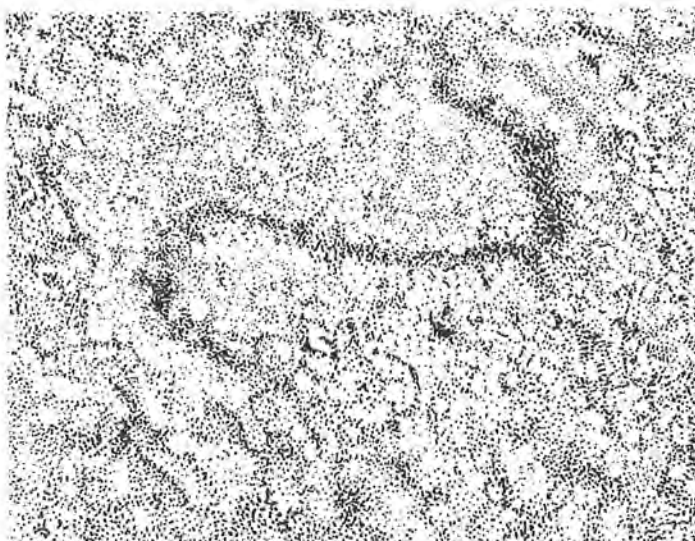


LEGENDA

-  CIMENTO ACTUAL
-  ARGAMASSA
-  TERRA COMPACTA
-  REMECHIMENTO ACTUAL
-  ELEMENTOS GRANÍTICOS DO LAGEADO



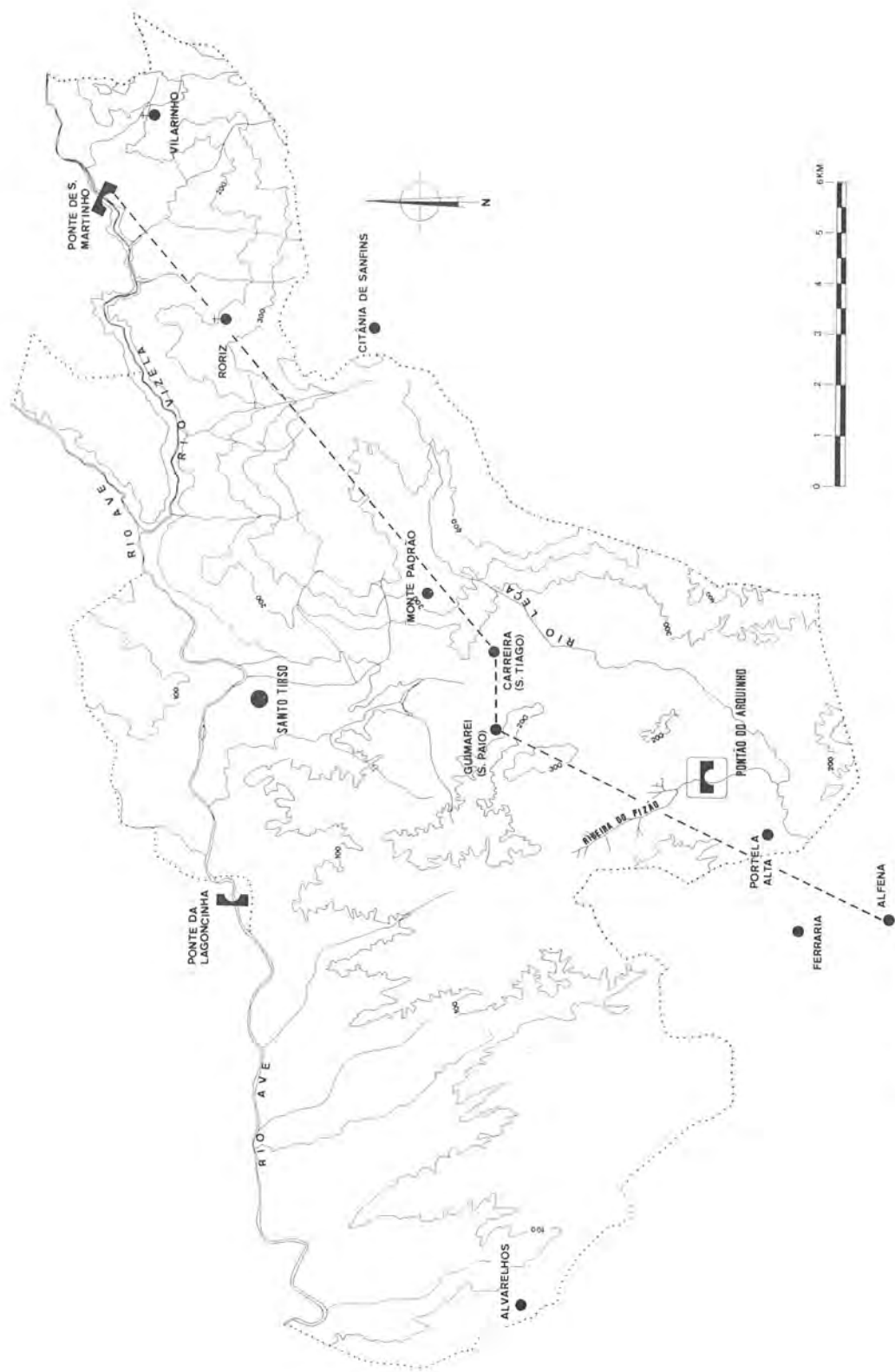
EST. V - Levantamento planimétrico, Pontão do Arquinho.



EST. VI - 1 - Sigla do Pontão do Arquinho, no 2.º silhar da 5.ª fiada da margem esquerda.



2 - Sigla do Mosteiro de Roriz, o lado Norte da Capela, com datação de meados do Séc. XIII.



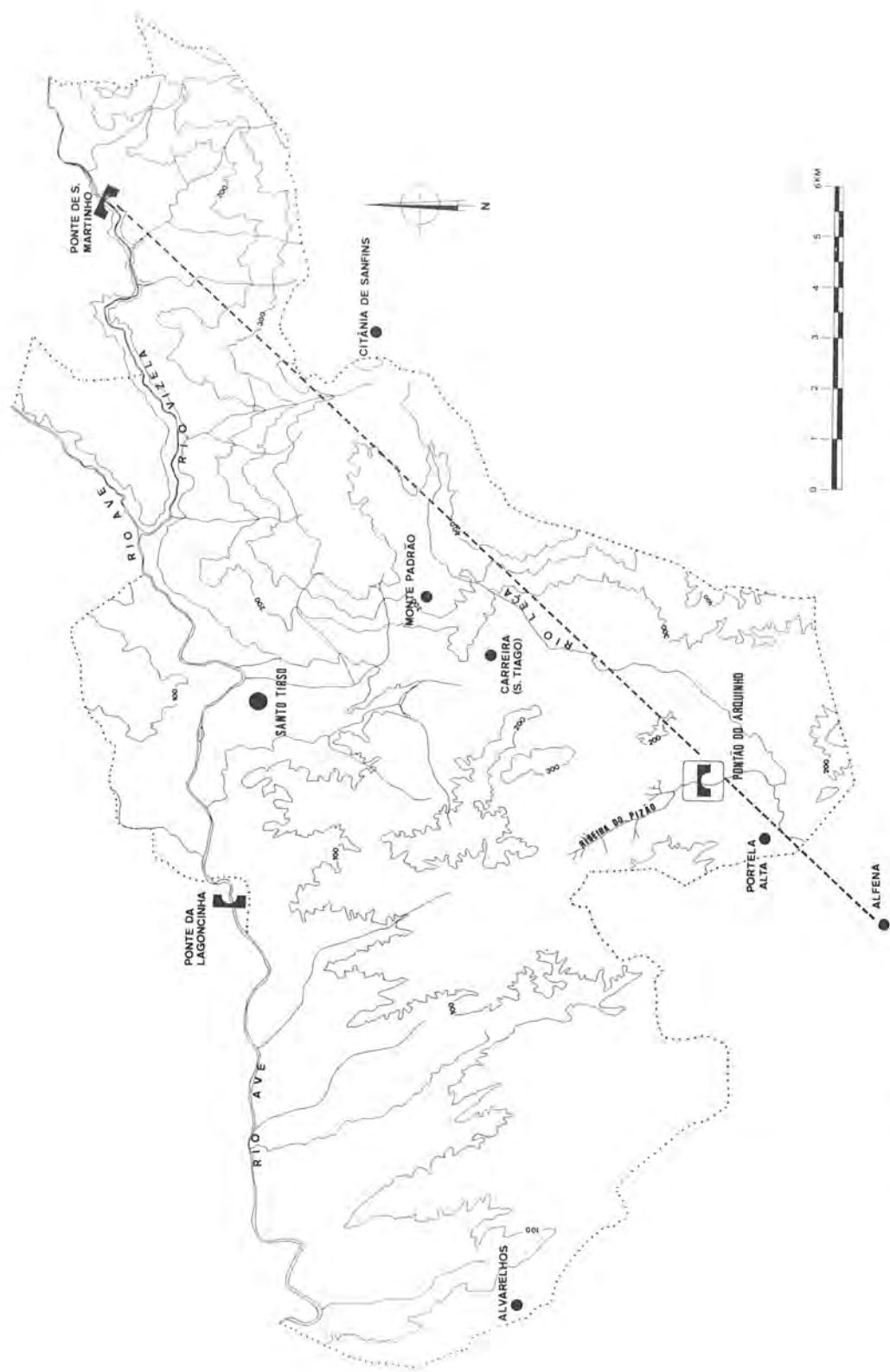
EST. VIII - Traçado hipotético da via medieval Porto - Guimarães no Concelho de Santo Tirso.



EST. IX - 1 - Pontão do Arquinho, visto de juzante.



2 - Pontão do Arquinho, vista geral do tabuleiro e calçada.



EST. VII - Traçado hipotético da via Romana, Porto - S. João de Ponte (Guimarães), no Concelho de Santo Tirso.

"Temos a obrigação de salvar tudo aquilo que é susceptível de ser salvo, para que os nossos netos, embora vivendo num Portugal diferente do nosso, se conservem tão portugueses quanto nós e capazes de manter as suas raízes mergulhadas na herança social que o passado nos legou."

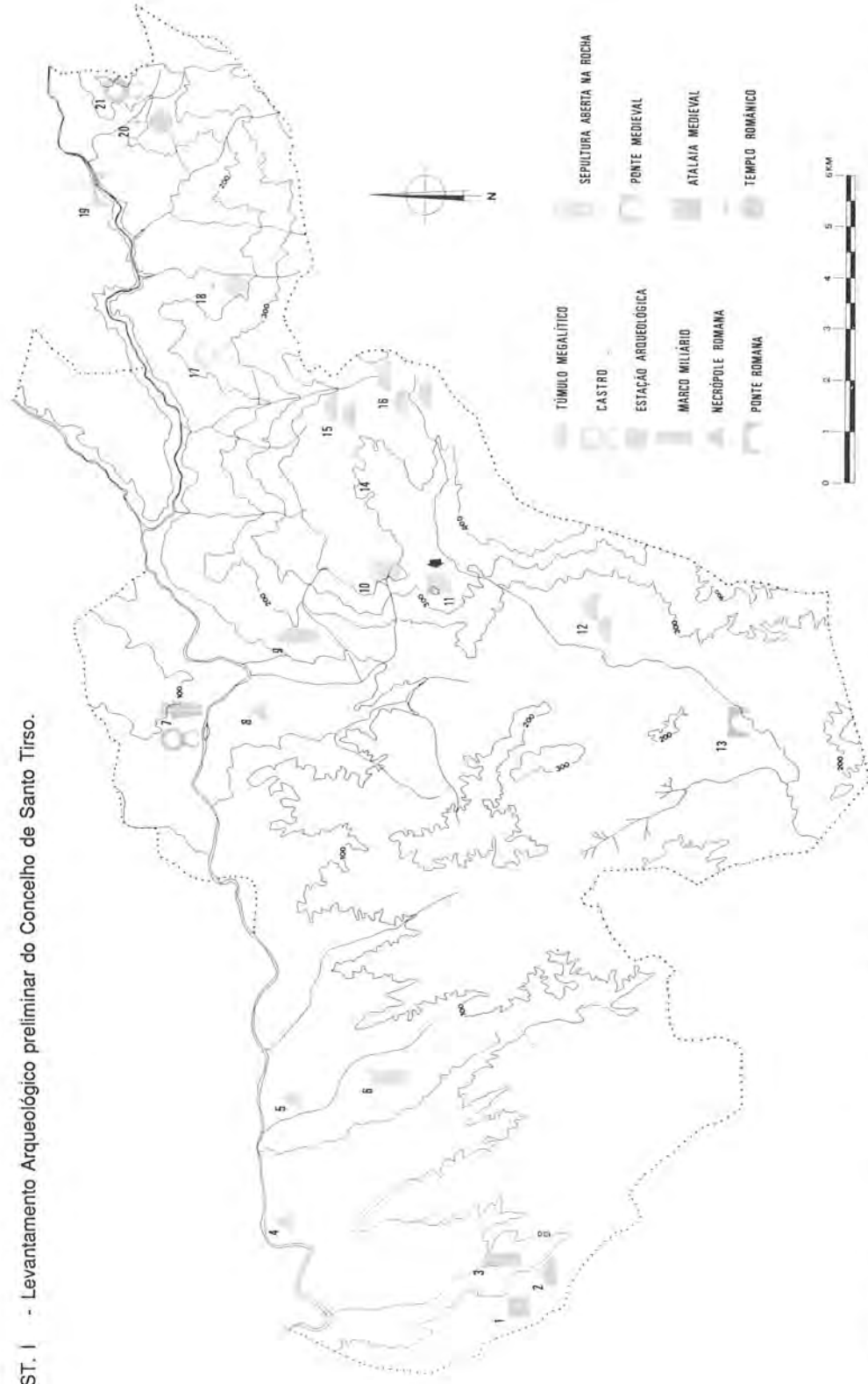
Jorge Dias

ELEMENTOS
PARA A
CARTA ARQUEOLÓGICA
DO CONCELHO
DE
SANTO TIRSO



GABINETE DE ARQUEOLOGIA
CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

EST. I - Levantamento Arqueológico preliminar do Concelho de Santo Tirso.



- 1 - Alvarelos / 2 - Monte Grande / 3 - Quinta do Paço / 4 - Bairros / 5 - Rorigo Velho / 6 - Torre Alta / 7 - Torre Velha / 8 - Trofa Velha / 9 - Quinta da Deveza / 10 - Monte São / 11 - Monte Padrão / 12 - Lavataões / 13 - Sobradelo / 14 - Sobreira / 15 - Coutada / 16 - Atuleiro / 17 - Santa Margarida / 18 - Roriz / 19 - S. Martinho do Campo / 20 - Vilarinho / 21 - S. Pedro

ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MONTE PADRÃO

LOCALIZAÇÃO

Lugar: Padrão; Freguesia: Monte Padrão; Concelho: Santo Tirso; Distrito: Porto

Coordenadas Geográficas: 41.º 18' 53" N - Long.

8.º 26' 51" W - Lat.

Carta militar de Portugal à escala de 1: 25 000, folha 98 levantamento de 1973.

Altitude: 413 m

Fotografia aérea levantamento de 1988 (quadrado 96).

CONTEXTO GEOGRÁFICO

Geomorfologia

O Monte Padrão situa-se no maciço montanhoso conhecido por Monte Córdova, correspondendo a um dos relevos mais significativos da sua vertente Oeste, que desce sobre o Vale do Ave, ocupando uma localização de destaque na região.

Geologia

O povoado localiza-se numa zona de formação litológica de granitos, onde a variedade profiróide é a dominante. Verificam-se à superfície vários afloramentos, com particular incidência na plataforma superior.

Vegetação actual

A zona envolvente é densamente arborizada com eucaliptos e pinheiros, com raras manchas residuais de carvalhos e sobreiros.

POTENCIALIDADE ECONÓMICA DA ÁREA ENVOLVENTE

O Castro ocupa uma posição, desde a qual tem acesso a uma gama variada de recursos. Há terras de cultivo na área envolvente do castro, mas as extensões mais notáveis de terras agrícolas e de melhor qualidade agronómica são as situadas no planalto de Monte Córdova a Este do povoado.

VISIBILIDADE COM OUTROS CASTROS

Mantém contacto visual com o Castro da Citânia de Sanfins, e o Castro da Torre (Areias - Santo Tirso)

A ESTAÇÃO

Descrição

O Castro de Monte Padrão está implantado num promontório da vertente Oeste do maciço montanhoso de Monte Córdova. A sua configuração topográfica, reúne condições muito favoráveis para o assentamento do povoado. As suas condições naturais de defesa são relativamente boas. Pelo lado N.S.O., o Castro é limitado por pendentes naturais e por dois riachos (lado norte e sul). A zona mais vulnerável é a zona Este.

O Castro é constituído por um recinto central com vários terraços adjacentes.

Os vestígios arqueológicos actualmente visíveis no povoado, situam-se na parte mais alta do monte, caracterizada por uma larga e extensa plataforma, limitada pela curva de nível dos 400 metros. Foi neste local que Carlos Faya Santarém realizou nos anos 50 extensas escavações. (SANTARÉM 1951 e 1955)

As ruínas e o espólio exumado diferenciam várias fases de ocupação com continuidade. Os vestígios mais antigos correspondem a ocupação do Bronze Final (taças carenadas, potes, vasos tronco-cónicos). (MARTINS 1985). A Idade do Ferro está representada com o seu espólio cerâmico característico e com alicerces de casas circulares. À época romana pertencem dois grandes edifícios, que ocupam a parte central da plataforma superior (ver planta). Um deles constituído pela "Domus" de planta quadrangular, com átrio central lageado e com vários compartimentos à sua volta. A curta distância para sudoeste da residência, foi implantado um outro grande edifício, também de planta quadrangular compartimentado e com pavimentos lageados e caleiras de escoamento. A sua configuração permite admitir que possa ter sido um complexo Agro-Pastoril. O espólio recolhido nestes dois edifícios sugere a sua utilização entre o séc. I e IV.

A ocupação mais tardia, localiza-se a Sul do complexo romano e corresponde a um conjunto de estruturas atribuíveis a um templo Alto-medieval, com um grande edifício anexo de cronologia tardia, onde se localiza uma necrópole de inumação dos séculos XIV e XV.

INDICAÇÕES PRÁTICAS

Vias de comunicação e acesso

O Castro de Monte Padrão situa-se no monte com o mesmo nome, na margem esquerda do Rio Ave, poucos quilómetros a S.E. da cidade de Santo Tirso. O acesso à estação pode fazer-se a partir da povoação de Monte Córdova, em direcção a Quinchães, tomando em seguida o caminho florestal que dá acesso à Capela da Senhora do Padrão.

Situação Jurídica

A estação está classificada como monumento nacional:

Decreto de 16/6/1910; Decreto-lei n.º 38491 de 6/11/1965

Estado de conservação

A Estação encontra-se em estudo. Anualmente são feitas intervenções arqueológicas e periodicamente são levadas a cabo acções de limpeza, conservação e restauro.

Espólio: Local de depósito

Museu Municipal Abade Pedrosa

Câmara Municipal de Santo Tirso

Propriedade

Câmara Municipal de Santo Tirso

Plataforma superior - 20 270 m²

Vertente Este - 11 180 m²

Total - 31 450 m²

Confrontações

Vertente Norte - Herdeiros de Américo Gonçalves e José Martins

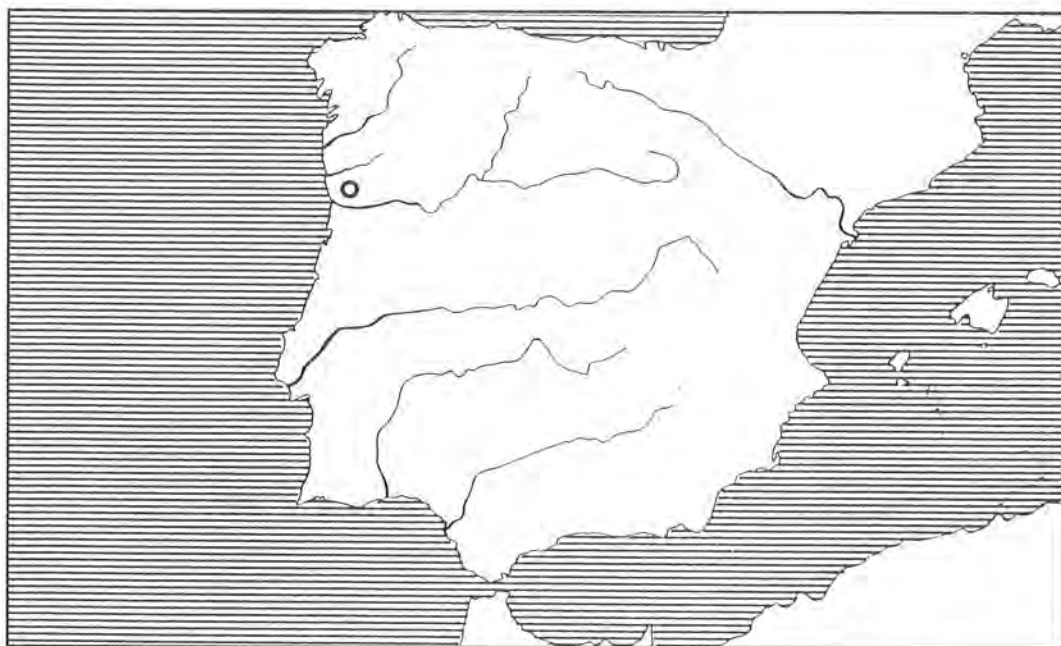
» Sul - Joaquim Carneiro Soares

» Este - Herdeiros de Américo Gonçalves e Irmandade da Capela

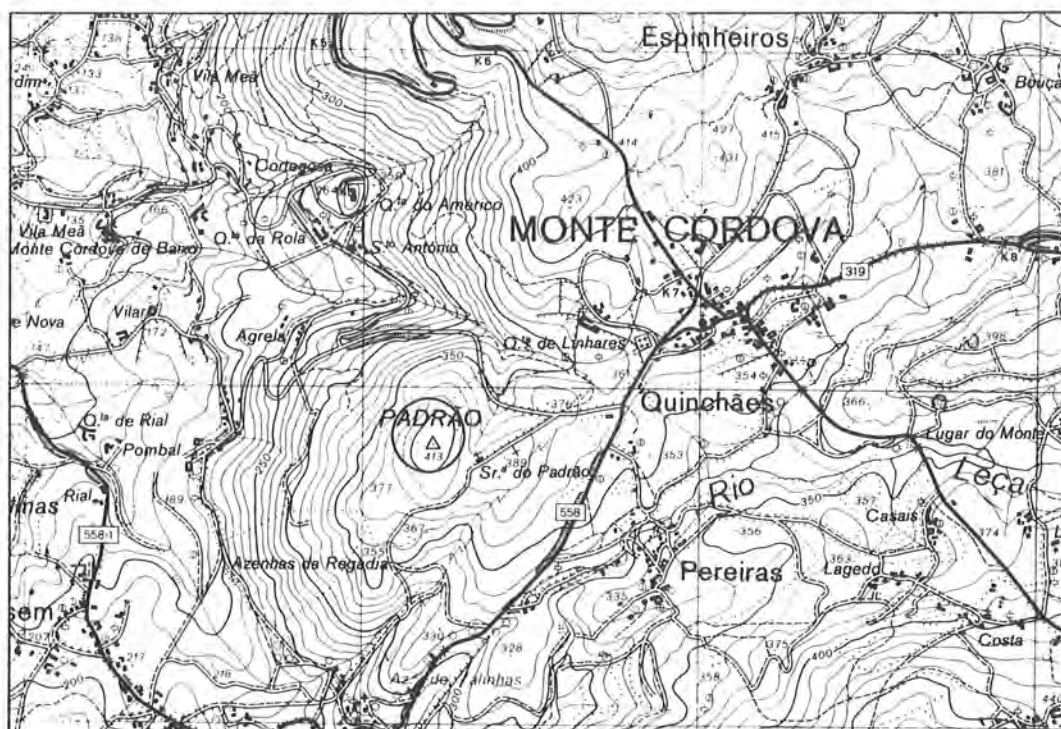
» Oeste - Abílio Martins Rebelo; Manuel Dias; Manuel V. G. P. Guimarães

BIBLIOGRAFIA

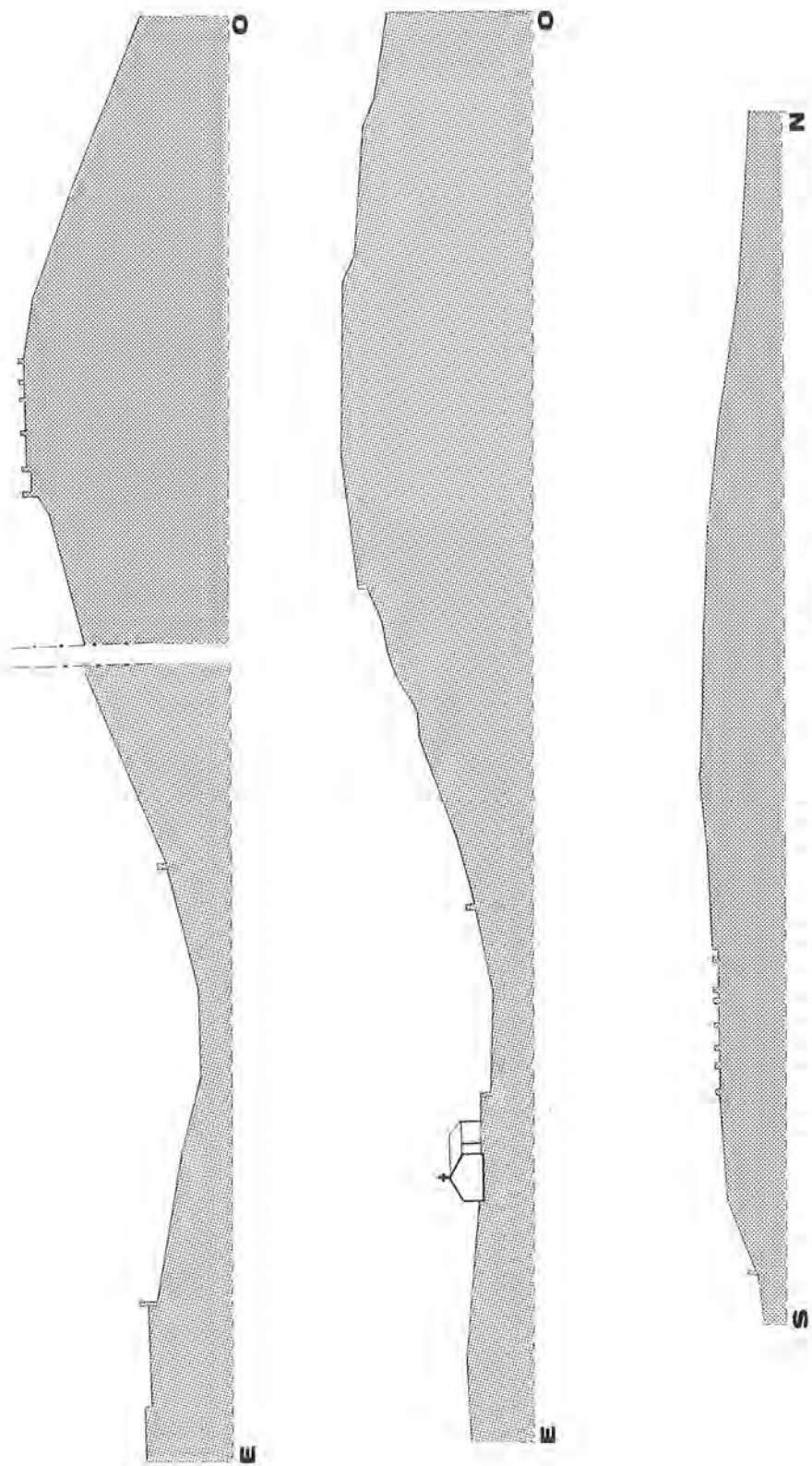
- CUNHA D. Rodrigo da (1742) Catálogo dos Bispos do Porto, 2.^a parte, pp 259 2.^a edição - 1742.
- GAMA Arnaldo (1864) O segredo do Abade, Porto, pp 373 (5).
Correspondência Martins Sarmento - Padre Joaquim Pedrosa, Revista de Guimarães, vol. L, n.º1-2-3-4, 1940 (Sociedade Martins Sarmento)
- MARTINS Manuela (1985) Sondagens arqueológicas no Castro do Monte Padrão em Santo Tirso, Cadernos de Arqueologia, série II (2), Braga.
- SANTARÉM Carlos Faya (1951) O Castro de Monte Padrão, O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural, vol. I, n.º1, Porto, pp 397-429.
(1955) O Castro do Monte Padrão, campanhas de 1952-53 e 54, O Concelho de Santo Tirso, Boletim Cultural, vol. III (4), Porto; Câmara Municipal de Santo Tirso.
- SARMENTO Martins (1985) Cidade Velha de Monte Córdova, O Archeologo Português, vol. I, n.º6, pp 10-14.
- TOMÁS Fr. Leão S. (1644) Benedictina Lusitana, vol. II, Coimbra, pp 160.
- VASCONCELOS J. Leite (1895) A cidade velha de Monte Córdova, O Archeologo Português, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, pp 12-13.



1 - LOCALIZAÇÃO DO CONCELHO DE SANTO TIRSO NA PENÍNSULA IBÉRICA



EST. II - 2 - Excerto da carta militar 1/25 000 (N.º 98) com a localização da Estação Arqueológica de Monte Padrão.



PERFIS DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE MONTE PADRÃO
SEG. FAYA SANTARÉM — 1954

0 50 100 M.



1 - Vista da plataforma superior de Monte Padrão (*Domus Romana*)



2 - Conjunto Romano da plataforma superior, Monte Padrão



1 - Vista parcial da 1.ª linha de muralhas do Castro do Monte Padrão



2 - Trabalhos de escavação, nos anos 50, Monte Padrão



EST. IV - Levantamento planimétrico do conjunto escavado por Faya Santarém (anos 50)
Trabalhos de campo - 1985 (Gabinete de Arqueologia, C.M.S.T.).

